

PROJETOS CONTEMPORÂNEOS DE HABITAÇÃO EM ENCOSTAS: FAVELA BAIRRO



**Alessandra da Silva Osório e
Sonia Rohling Soares**

Profa. Dra.: SONIA AFONSO

Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo – PÓS-ARQ | UFSC
Disciplina Isolada | Urbanização de Encostas - Análise

Seminário VI – 10 de novembro de 2011.– Livros: *Sobre a Cidade – Habitação e Democracia no Rio de Janeiro*. Sergio Magalhães, 2002.
Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.

Criador de Programas estratégicos tais como:

Favela-Bairro concebido e implementado pelo autor. (em sua administração alcançou 155 favelas e 600 mil habitantes);

Morar Legal (regularização de loteamentos); e

Morar Carioca (crédito e produção de novas moradias).

- Co-autor dos projetos para a Cidade Acampamento de **Salto Santiago –PR, 1976;**
- Núcleo Habitacional do **Cafundá, RJ, 1980;**
- Plano de **Revitalização do Centro** e Terminal Rodoviário Urbano de **Niterói, 1990.**

Carlos Lessa

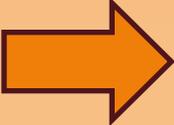
- **Urbanicidade** e contigüidade dos espaços;
- **Contraposição** entre a **produção coletiva** da cidade e a **solução familiar** da moradia;
- **Recusa** da proposta de **especialização das zonas urbanas** e a correspondente estratificação de seus usos;
- **Solução da favela** como uma das chaves para um **Rio** pós-moderno civilizado e **integrado**.

Cidade:

- **simbolo da memória social** tem imagem composta pela topografia, pela utilização do espaço, pela apropriação patrimonial, pelas tipologias arquitetônicas etc.

- **compósito de pedras e tijolos acumulados, e de costumes e afetos praticados pela população urbana.**

Sobre a favela

Após os 20 do século passado  início da problematização;

Inspiração para proposta de padrões específicos de habitação: os **conjuntos habitacionais**;

- Solução plasmada em **condições sociais adversas**;
- Sensibilidade e sociabilidade que recordam **a vida rural**;
- Contigüidade que facilita o **convívio regular**;

A **praça** na favela: a viela; a escadaria; a laje;

Na favela **o privado impenetra o público**.

Ao contrário dos edifícios que se deterioram; as residências da favela estão em constante e progressiva qualificação.

-Perspectiva: respeito ao esforço popular; urbanismo radicalmente democrático; criatividade social.

DE FAVELA A BAIRRO – até que a favela se tenha convertido em bairro popular na cidade.

A favela é uma complexa e dinâmica organização social concreta.

Aspectos do processo de democratização da cidade:

Peculiaridade do Rio de Janeiro na **contemporaneidade**: uma experiência **coletiva**.

Resistência à remoção compulsória de favelas (anos 70);

Questão pós-moderna: entender as **grandes transformações paradigmáticas** na arquitetura e urbanismo;

Arquitetura da cidade: **resultado dos embates sociais** e políticos e não só apenas dos traços dos profissionais do desenho.

Elaboração dos planos urbanísticos e de conservação urbana de Niterói: **melhora da auto-estima** e da identidade frente ao poder hegemônico da imagem da cidade do RJ.

Foram lançadas as bases para a **reversão da histórica concentração de investimentos** públicos.

O conjunto das ações urbanísticas e sociais ligadas à política habitacional carioca é referência obrigatória para a indispensável formulação de uma política urbana e habitacional para o país.

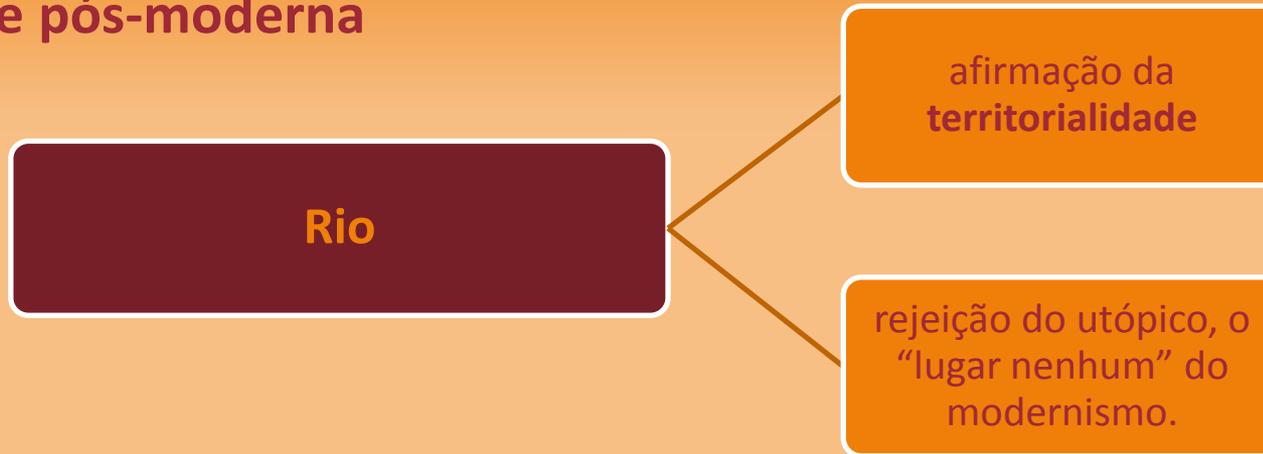
Aspectos estruturais das ações implementadas no Rio

A valorização espacial da cidade existente;

A recuperação dos subúrbios cariocas; e;

O melhor aproveitamento do sistema de urbanos.

A metrópole pós-moderna



Proposta universalista do **Movimento Moderno**: construir em qualquer lugar/qualquer cultura, segundo o mesmo modelo arquitetônico-urbanístico.

- **Anos 30**: adoção de padrões vistos como signos do progresso e do alinhamento às culturas cêntricas.

- **Anos 70**: apogeu do favorecimento do edifício alto/isolado das divisas na legislação urbanística, disseminando-o indiscriminadamente por toda a cidade.

A natureza como protagonista da vida urbana

No Rio, a natureza não é a “ausência do urbano” ou “vazio de ocupação”: a natureza, ao contrário, é o urbano. A natureza é ocupação: montanhas e florestas definem espaços.

Resguardar o meio ambiente é reverter os vetores de esvaziamento do Centro.

Condição de pós-modernidade: crítica da modernidade e da modernização quando implicam descaracterização ambiental e perda de referenciais permanentes.

O reconhecimento do fracasso do modelo habitacional modernista

*“A **habitação produzida pelos pobres** fora do sistema oficial não correspondia, obviamente, ao modelo “racional”, “padronizado”, e com isso se fortalecia o pensamento de reação: a cidade oficial/formal não poderia conviver com a cidade informal.” (pg. 24)*

Experiência da urbanização da favela

“A falência do SFH/BNH, na década de 80, veio consolidar a idéia de que só com o aproveitamento do grande **esforço dos pobres dispendido na **produção de suas moradias** é que se poderia dar algum passo à frente. **Remoção, agora, só em áreas de alto risco.**”**

A favela caminha para a sua urbanização.

As morfologias urbanas são reconhecidas quebrando a onisciência do modelo modernista.

O incremento nessas áreas é o procedimento consequente para ao reconhecimento do direito à cidadania.

O acesso à cidade é direito de todos.

Cidade: escola, saúde saneamento, transporte, trabalho.

O acesso à habitação é a espacialização desse direito.

A rejeição do espigão, signo do Movimento Modernista

Edifício alto, isolado das divisas com um **símbolo do progresso** – uma luta acirrada contra o espigão.

- Rejeição a este modelo de edifício que muito contribuiu para a desqualificação da vida urbana e a agressão à paisagem.

Um desenho de cidade que represente o respeito as preexistências e ao esforço coletivo.

Re-singularização enquanto condição de defesa da cidade como patrimônio do ponto de vista artístico, histórico ou social.

Elementos
constitutivos do
espaço urbano

Forma;

Uso;

Significado;
e

Memória.

O espaço é natureza e história (Argan), ou seja, a primeira como território – meio físico e a segunda como cultura – meio cultural.

Espaço não é o vazio entre formas edificadas, mas o lugar do encontro, da história, da memória, do símbolo, das referências, da vida coletiva.

PRINCÍPIOS:

- DA URBANICIDADE
- DA CIDADE COMPARTILHADA; E
- DA CONTIGÜIDADE

“O princípio da “urbanicidade” significa manter público o espaço urbano, garantir o seu uso por todos e para todos os cidadãos.”

- preservação e valorização do espaço urbano como lugar de encontro
integração e *locus* das trocas sociais, no passado e futuro das cidades.

**Conferência das Nações Unidas sobre Assentamentos Urbanos – Habitat II –
O futuro das Cidades, Nairobi, 1995**

Engajamento cívico, sustentabilidade e eqüidade.

**Numa cidade que se desterritorializa, a cidade encontra o seu futuro na sua
própria essência: a vida coletiva, as trocas sociais.**

Figura 02 - Favela-Bairro Parque Royal (1995 – palafitas à beira da baía)

O PRINCÍPIO DA CIDADE COMPARTILHADA

A contribuição de todos é necessário para dotar a cidade dos recursos necessários à sua universalização.

No Brasil, pela **legislação** é responsabilidade da família e da iniciativa privada a provisão desses bens e serviços. O resultado de tal equívoco foi a expansão das cidades sem infra-estrutura, com serviços deficientes, poluídas e irregulares.

A produção da cidade é própria da coletividade – portanto dos **governos** e da **sociedade**; e, de outro lado, a produção de moradia exige crédito disponível para cada família. Só compartilhando-se as responsabilidades é que será possível garantir a todo cidadão o acesso à cidade e à moradia adequada.

Figura 03 - Favela-Bairro Parque Royal (1998 – ciclovia-limite onde eram palafitas, agora com casas financiadas em construção)

O PRINCIPIO DA CONTIGUIDADE

1. Áreas vazias ou subutilizadas existentes no interior da mancha urbana;
2. Áreas isoladas e ocupadas existentes fora da mancha urbana;
3. Permissão à construção em discordância com os usos e volumes modais; e
4. Proibição de que se construa conforme a vizinhança.

Motivos principais para o tratamento elitista conferido à legislação urbanística

a) desconhecimento da necessidade de morar dos pobres - criação de regras idealizadas para os mais ricos que são impostas para todos;

b) desconhecimento de que a cidade é uma construção coletiva - criação de normas inteligíveis apenas para iniciados, tecnoburocratas e profissionais.

EXPANDIR ONDE JÁ É. O LUGAR DA CIDADE É A PRÓPRIA CIDADE

A cidade se constrói na superposição de estruturas ambientais e culturais, econômicas, sociais, políticas e históricas.

Estudo recente do IPLANRIO demonstra que a densidade não é fator apenas decorrente da altura do edifício, como aparenta, mas de fatores urbanísticos concorrentes, tais como o traçado e a regularidade na ocupação.

“Espaço urbano como lugar da interação, do qualitativo e do heterogêneo.”

VALORIZAR O QUE EXISTE: ECONOMIA E CULTURA

Os subúrbios

- apresentam-se como uma região que pode responder **rápida** e positivamente para o desenvolvimento do Rio de Janeiro; e
- detém expressiva parcela demográfica e econômica do Município.

Deterioração do patrimônio público nacional cuja deterioração é inaceitável. (pg. 60)

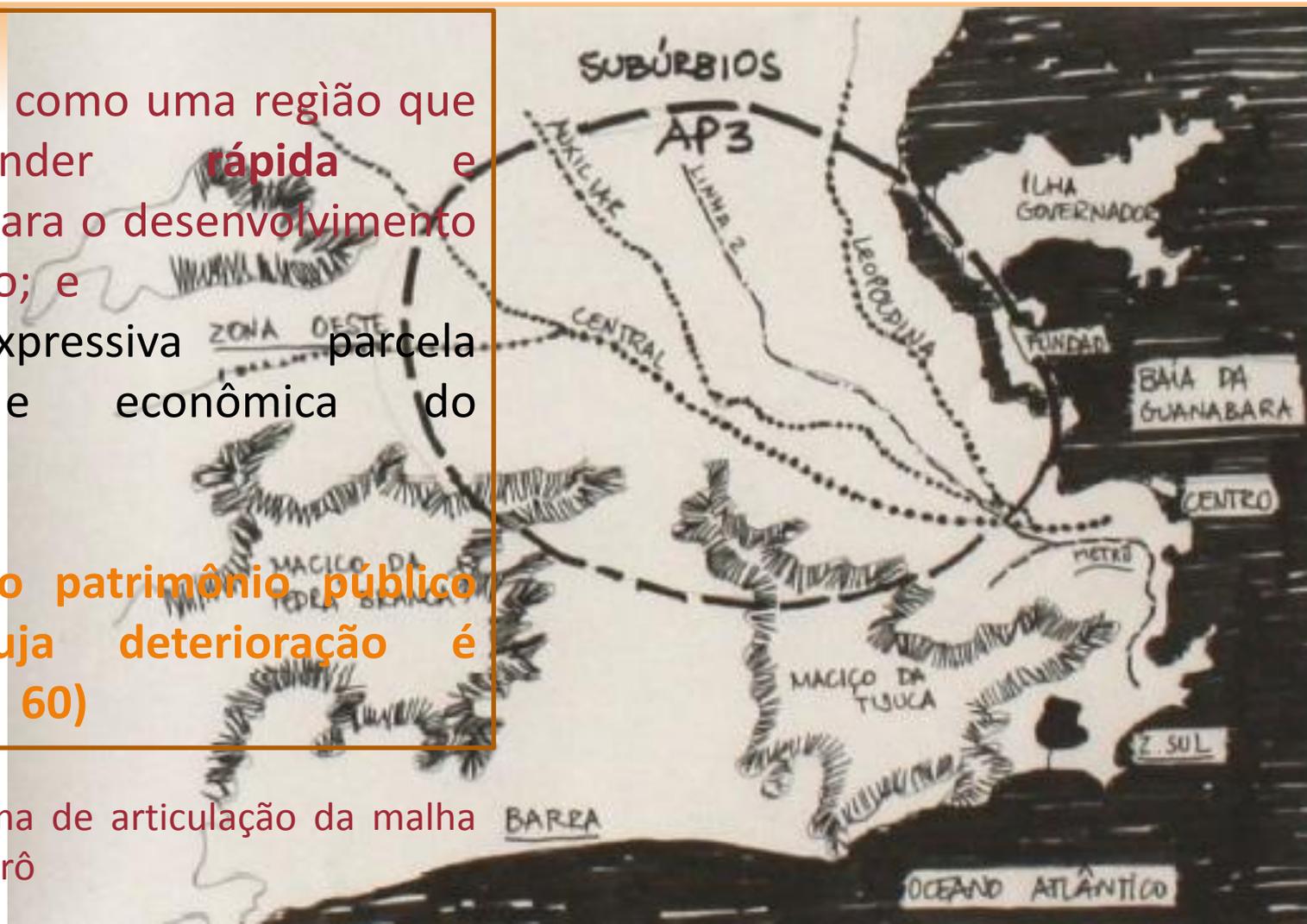


Figura 04 – Esquema de articulação da malha ferroviária e do metrô

ONDE ESTÁ A VIABILIDADE DO RIO?

Seminário Rio-Barcelona – Estratégias Urbanas – Secretaria Municipal de Urbanismo do Rio de Janeiro.

Desafio: Crescimento populacional de três vezes nos últimos cinquenta anos.

Conceituação Estratégica para uma política transformadora:

a) Incentivo econômico e melhora ambiental dos bairros periféricos;

b) Ação emblemática (Jogos Olímpicos de 1992); e

c) Planos estratégicos econômicos e sociais.

HABITAÇÃO E INTEGRAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DE UMA POLÍTICA

Mais do que promover a construção de habitações para alguns, mais que ampliar o acesso à cidade para todos: dar condições de infra-estrutura sanitária, de comunicações, de serviços públicos e de equipamentos sociais capazes de sustentar a vida urbana moderna; é necessário reconhecer o esforço dos segmentos de baixa renda na produção de sua moradia, aproveitando e valorizando os investimentos coletivos já dispendidos na construção da cidade, na sua infra-estrutura urbanística, na sua cultura.

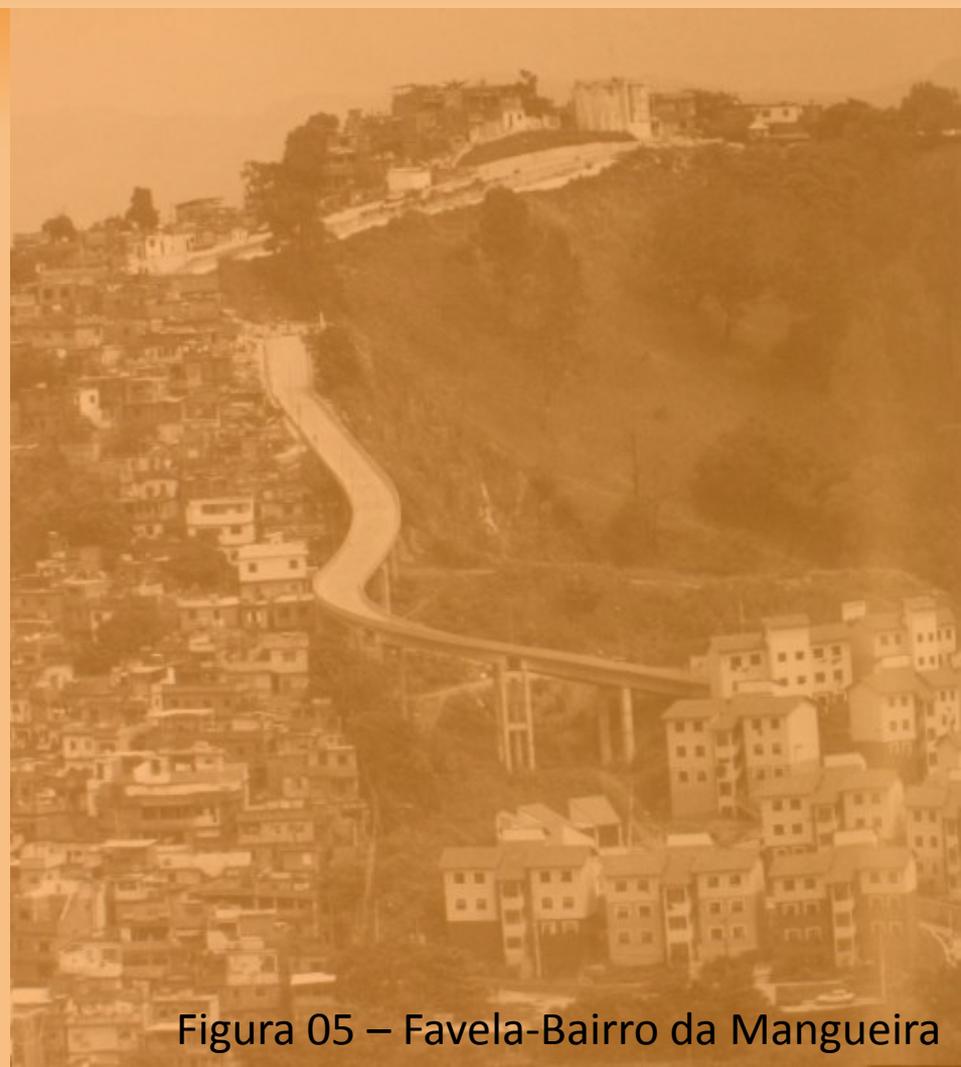


Figura 05 – Favela-Bairro da Mangueira

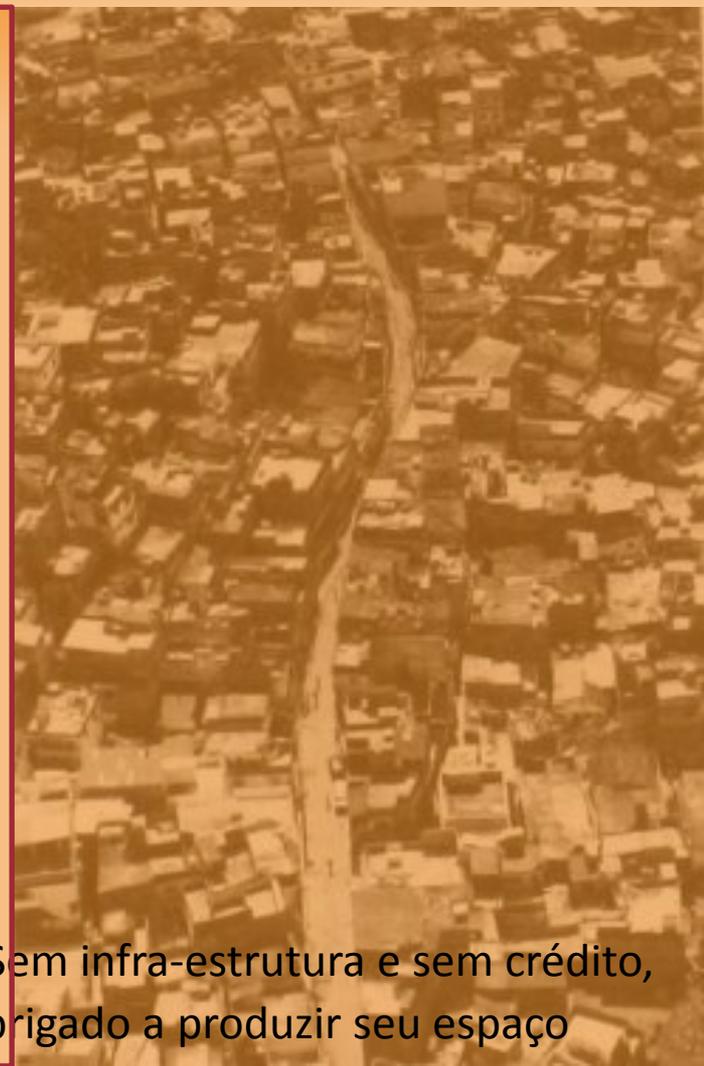
HABITAÇÃO E INTEGRAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DE UMA POLÍTICA

Divisão da cidade: metade ficou ao abrigo do direito, metade à sua margem.

Acesso à cidade para todos – conceito que orienta a Política Municipal de Habitação do Rio de Janeiro.

Instrumentalização da cidade para uma **gestão mais eficiente** e uma **ocupação mais racional** dos espaços urbanos.

Figura 06 – Sem infra-estrutura e sem crédito, o pobre é obrigado a produzir seu espaço



A CIDADE INDUSTRIOSA: INTEGRAÇÃO DAS FUNÇÕES URBANAS

- Defesa da justaposição das funções urbanas;

Conceitos fundamentais:

- I. A indústria urbana, bem como qualquer atividade produtiva, tem de ser não-poluente.
- II. O espaço urbano é o lugar da interação, o *locus* das trocas sociais.

Do Rio a Istambul - Conferência Mundial sobre Assentamentos Humanos – Habitat II – ONU

- A vida urbana na perspectiva do século XXI;
- os Programas desenvolvidos pela Prefeitura do Rio de Janeiro no campo habitacional: Favela-Bairro e Regularização de Loteamentos ; e
- as expectativas em relação a Istambul: o alcance de novos compromissos de solidariedade, e, a partir deles, conseguir-se construir cidades sustentáveis, mais justas, receptivas, acolhedoras e democráticas.

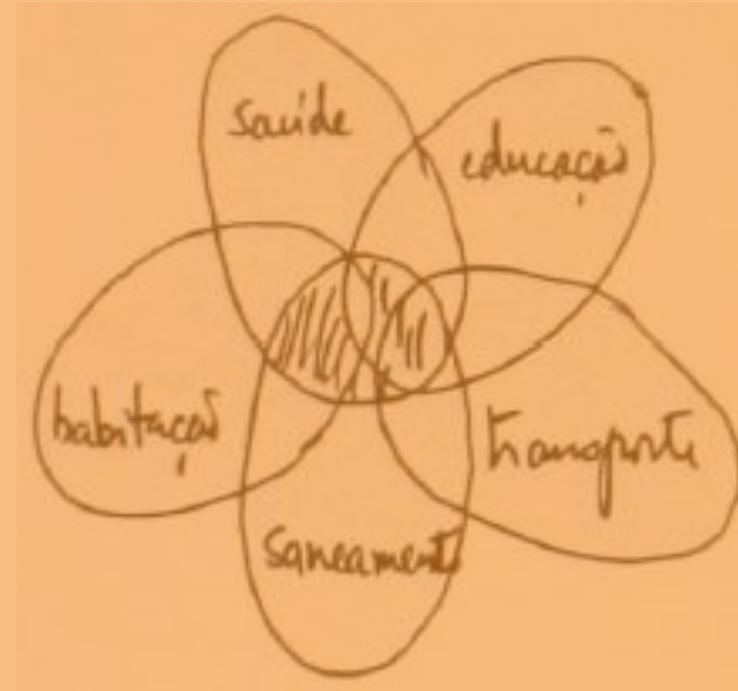


Figura 07 – Casa sim, mas, prioritariamente, cidade

RIO SÉCULO XXI: CIDADE-CIDADÃ

Tempos de **globalização**: reforçam-se os fluxos internacionais, ao mesmo tempo em que se consolidam as bases locais.

Novidade: a **hierarquização dos espaços** nodais segundo sua importância para diversos fluxos.

“Territorialidade imaterial” atendendo às necessidades do conjunto de redes superpostas.

O novo é a cidade encontrar seu ponto de inserção nesse conjunto.



Figura 08 – Integração e interação: binômio essencial para o futuro das cidades

“Urbanizar o favelado” para oferecer-lhe viver em “padrões urbanos de uma cidade”, chega a configurar dos pontos de vista cultural, econômico, social e cívico - uma proposta indecente.

“O grande risco é justamente a não-urbanização. É necessário dotar as favelas consolidadas de toda a infra-estrutura sanitária, construir acessos de acordo com os padrões adequados aos serviços públicos, promover a contenção geológica necessária, implantar equipamentos de educação, saúde, esportes, lazer. Enfim, transformar as favelas em cidade.” pg. 85

A BANDEIRA NA FAVELA

Depois de décadas de **idealização** sobre a vida nas favelas, atualmente a **percepção majoritária** parece ser aquela que considera o favelado um outro grupo social, destoante e distinto do resto da sociedade, no entanto, a **cultura** e os símbolos são os mesmos.

Atualmente o Rio: **5,6 milhões** de habitantes; com quase **1 milhão** vivendo **em favelas**.

“A forma peculiar da favela e a ausência de serviços públicos essenciais à vida urbana contemporâneo são as razões da distinção, ainda existente, que dá seiva ao preconceito – não mais que preconceito – que se estabeleceu em relação ao carioca favelado.”

Favela-Bairro: investimentos na busca da integração urbanística e social.

“A necessária integração social e a valorização do espaço são chaves fundamentais para o desenvolvimento.” (pg, 91)

Obras urbanísticas não são suficientes para o problema das ações da marginalidade armada.

Programas cariocas para ampliação da cidadania e do direito à cidade: Favela-Bairro, o Morar sem Risco, Morar Carioca, Rio Cidade, Regularização de Loteamentos, Favela-Limpa e Emprego/Renda.

“Território nacional ocupado pela marginalidade é território vazio de justiça, de direito e, quase sempre, de saneamento, limpeza urbana e iluminação pública.” (pg. 90)

DESABAMENTO NA BARRA DA TIJUCA: O MUNICÍPIO E A UNIÃO

“Cabe aos municípios a fiscalização das construções. É uma atribuição municipal o controle do uso do solo e o poder de licenciar construções.” (pg. 92)

Agentes intervenientes na **produção imobiliária**:

- o empreendedor ou incorporador, que, em muitos casos, mescla-se ou confunde-se com o construtor;
- os projetistas;
- o comprador das unidades;
- os financiadores; e
- os órgãos reguladores da construção ou do exercício profissional de construtores e projetistas.

O arcabouço intitucional que organiza essa produção é predominantemente definido pela instância federal.

“Cada agente da produção imobiliária precisa ser chamado à responsabilidade, com consequência.” pg. 94

Um sinal de que o Programa Favela-Bairro está no **rumo certo** é o **crescimento do comércio nas favelas** que já receberam os primeiros benefícios da urbanização.

Este crescimento é importante pelo efeito multiplicador e pelo alcance social que representa. A **atividade comercial é a base** de uma vida econômica formal e regular.

Cabe ao poder público estudar formas de oferecer créditos a empresários de baixa renda.

Geração de renda por meio de atividade econômica

A REPÚBLICA E A FAVELA

“Por conta da perspectiva da transitoriedade as favelas tiveram poucos investimentos ao longo deste século.”

O DESAFIO DA HABITAÇÃO

A produção habitacional através de grandes conjuntos residenciais, em geral promovidos pelo poder público, não é suficiente, sequer satisfatória.” O paradigma que norteia esta prática imobiliária já está exaurido.

400 mil novas moradias serão construídas nos próximos 10 anos do RJ (25% do atual parque imobiliário).

Estas novas moradias vêm, predominantemente atender ao *déficit* e não ao **crescimento populacional**, já que segundo o IBGE hoje há uma diminuição do tamanho da **família brasileira** – de 3,8 para **3,5 pessoas**.

Atuação abrangente face à questão habitacional por meio dos Programas: Favela-Bairro, Regularização de Loteamentos e Morar sem Risco.

Durante décadas, muitos acreditaram que **a causa da violência nas favelas** decorria de uma suposta marginalidade, predominante entre os favelados e fortalecida pela conformação urbanística que impediria a ação pública.

Também por décadas, houve **remoção compulsória** ou uma tolerância que pressuunha a espera por **transformações estruturais na sociedade**.

DEMOCRACIA, DESCENTRALIZAÇÃO E RESPONSABILIDADE FISCAL

- Pressuposto: *“A descentralização e a municipalização tendem a propiciar uma melhora e ampliação dos serviços públicos.”* (pg, 107)

O Rio almeja o equacionamento de um de seus mais evidentes e persistentes problemas sociais: **a favela**. É este desejo que embasa os apoios dados pelas instâncias políticas, institucionais, acadêmicas, pelas organizações da sociedade civil e pelo povo.

QUEM É O PAI DO FAVELA-BAIRRO?

Os **recursos** são da Prefeitura oriundos do **BID**, da CAIXA e da **UE**. São obras de integração urbanística e desenvolvimento social, sobretudo.

- 116 favelas contempladas;
- 450 mil habitantes atendidos até o momento.
- 70% dos moradores das favelas cariocas deverão ser alcançados nos próximos anos.

O FENÔMENO CARIOCA

O **Rio** não tem vocação provinciana. **Porto, capital e cidade** receptiva, sua história é **cosmopolita**.

Duas novas questões que emergem do processo de **globalização**:

- 1.O caráter protagonista das cidades na rede de relações econômico-político-culturais situando o tema urbano como prioritário na agenda do desenvolvimento; e
- 2.A política de participação enquanto evolução natural do **aprofundamento da democracia**.

“Na base política está a compreensão de que a cidade é construção compartilhada e de que as ações públicas não se esgotam nas possibilidades da Prefeitura.” pg. 115

Devido a **fatores responsáveis pela recuperação da cidade** tais como:

- Políticas para promover a **integração urbanística** e social, democratizando a cidade.
- Conceito inovador que estruturou a política habitacional carioca recente: reconhecimento das experiências anteriores, da diversidade morfológica e ambiental do RJ, da prioridade ao investimento público nas ações próprias da coletividade.

ESTADO BRASILEIRO, MENOR QUE MÍNIMO

São muitos os territórios inseridos no mapa do Brasil que não são atendidos pelo Estado brasileiro. Ali, não existem direitos humanos; não existe cidade, não vigora a lei do inquilinato e a propriedade privada não é garantida.

Reconstrução da cidade

Pontos Principais da **Entrevista** publicada na *Revista IAB/Arquitetura*, Rio de Janeiro, 1997:

- A favela aumentou, o número de favelados aumentou; mas **a qualidade** da favela **melhorou**.
- A partir de **investimento público** em infra-estrutura e da perspectiva da **não-remoção**, os **moradores investiram mais** em suas casas.
- A responsabilidade de recursos para as infra-estruturas básicas deve ser da coletividade (**poupança coletiva: impostos**).
- Para uma parcela expressiva da população, a **aquisição da casa própria** terá de ser **subsidiada**.

“Nao adianta aumentar a renda, o salário, porque se não houver poupança coletiva , nao tem solução.” (pg. 125)

Rocinha

Pontos Principais da **Entrevista** publicada no jornal O Globo, 28 de março de 1999:

- Localização privilegiada;
- Avaliação de que o mercado imobiliário é muito mais rentável, nas **favelas**, do que na cidade formal. A renda capitalista da produção imobiliária se reproduz muito mais rapidamente.
- Custos mensais são cada vez maiores com relação à renda das pessoas numa sociedade que se monetariza, com a ocidental, inclusive a brasileira.
- a Rocinha vai deixar de ser favela para ser um bairro.
- A **favela** representa a **criação de outro modelo por necessidade** ou espontaneidade.

FAVELA-BAIRRO: UMA OUTRA HISTÓRIA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Proclamação da República,
final do Séc.XIX



Despertou nas elites e administradores, o anseio de apagar as marcas do período colonial

Cândido Barato Ribeiro de
1891 a 1893



Combate às moradias populares, como causadoras de doenças, desordem social e crise urbana

1ª década do Séc.XX



O velho Rio colonial, becos estreitos e velhos casarões, foram impiedosamente demolidos, dando lugar a avenidas largas, ventiladas, salubres e modernas.



Surgimentos das primeiras favelas

FAVELA-BAIRRO: UMA OUTRA HISTÓRIA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

- 
- 1907 Morro da Babilônia
- 1909 Morro do Salgueiro, na Tijuca, Mangueira, no morro do Telescópio
- 1912 Morro do Andaraí, Copacabana, Estácio
- 1915 Morro dos Cabritos
- 1916 Morro do Pasmado, em Botafogo
- 1917 a 1926 Catumbi, Ipanema, Leblon, Gávea (Praia do Pinto e Rocinha)
- Proposta: Cidade do Rio de Janeiro – Remodulação e embelezamento – 1926 a 1930 (Arq. Urban. Francês Alfred Agache)**
- 1930 Primeiros loteamentos na zona oeste
- 1937 Decreto lei nº58 e Código de Obras do Distrito Federal – Erradicação das favelas (vigor até 1970)
- 1963 Criada Federação das associações de favelas do Estado da Guanabara
- 1964 Golpe militar – BNH (Banco Nac.Hab.) e SFH (Sist. Fin.Habit.)

FAVELA-BAIRRO: UMA OUTRA HISTÓRIA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

- 1966 Governador Negrão de Lima – CODESCO (Companhia de Desenvolvimento Comunitário)
- 1968 a 1975 175.785 pessoas foram levadas para 35.157 unidades habitacionais (menos de 30%)
- 1983 Governo Leonel Brizola criou o programa Cada Família, um lote. Regularizou 16.000 lotes

Atualmente, mais de 700 mil pessoas moram nos 450 conjuntos habitacionais espalhados pela cidade, na sua maioria localizados em áreas de baixa renda e totalmente deteriorados, já que muitos foram construídos há mais de cinquenta anos. Somando-se a questão dos loteamentos clandestinos e irregulares.

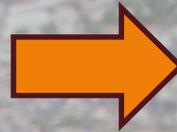


Fig.10 – A favela da Praia do Pinto.

POLÍTICA HABITACIONAL.

No período entre 1950 e 1990, na região Metropolitana passou-se de 3 milhões para 10 milhões de habitantes.

Erradicação das favelas



Alto custo social
Alto custo econômico

Em 1993 foi criado o GEAP (Grupo Executivo de Assentamentos Populares), composto por titulares das Secretarias Municipais de Desenvolvimento Social, de Educação, de Fazenda, de Obras e Serviços Públicos, de Urbanismo e Meio Ambiente, IplanRio, Empresas de Urbanismo.

Objeto



Morar urbano – direito do cidadão
Direito a estrutura da cidade
Direito a Coletividade

Fig.11 – Loteamento da Zona Oeste.

Definiu seis programas de trabalho:

Favela-Bairro: construção ou complementação da estrutura urbana;

Morar legal: promover a regularização urbanística;

Regularização Fundiária: Visava a titulação das terras;

Novas Alternativas: ocupação dos vazios urbanos;

Morar Sem Risco: reassentamentos de moradores de áreas de risco;

Morar Carioca: financiamento de imóveis em áreas infra estruturadas.

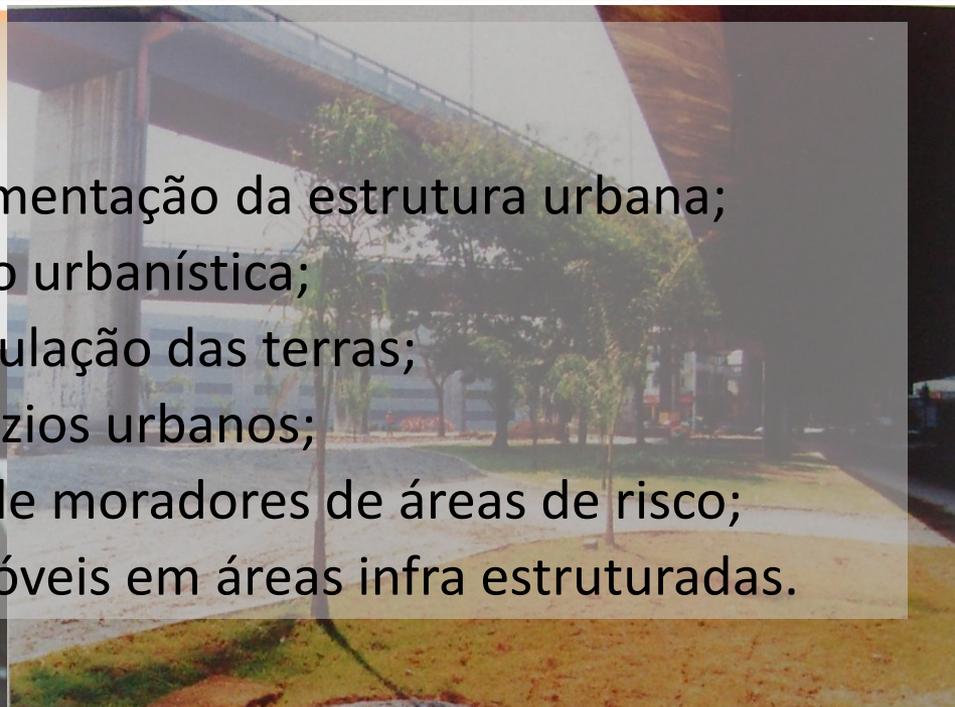


Fig.12 – Viaduto São Cristóvão, antes e depois.

Recursos financeiros: em 1995 a prefeitura e o Banco Interamericano de desenvolvimento (BID) assinaram um contrato de US\$ 300 milhões – Proap-Rio. Beneficiando, até final do ano 2000, mais de 150 comunidades faveladas no Rio de Janeiro.

Marcos conceituais: objetivo de oferecer condições de cidade à favela, integração social, infra-estrutura, equipamentos urbanos e oferta de serviços públicos adequados.

Marcos urbanísticos: toda intervenção deve respeitar as preexistências ambientais, superar as dificuldades de natureza urbanística.

Fig.13 – Expansão da baixada de Jacarépagua.

Fronteiras
materiais

- **Concurso de metodologias:** desafio para transformar as favelas em bairros populares.
- **Potencialização dos recursos:** para atender as favelas em redes de esgoto e drenagem, abastecimento de água, pavimentação, iluminação, praças, estabilização de encostas, reflorestamentos, entre outros.
- **Planos diretores:** as favelas eram objeto de planejamento integrado, que abrangia aspectos urbanísticos, infraestrutura, ambientais e culturais. Foram feitos levantamentos aerofotogramétricos na escala 1:500, inédito nas favelas. Houve também a participação das comunidades para elaboração dos estudos.



Plano de intervenções no Vidigal
Projeto: P. A. A. - J. Jauregui/H. Casé

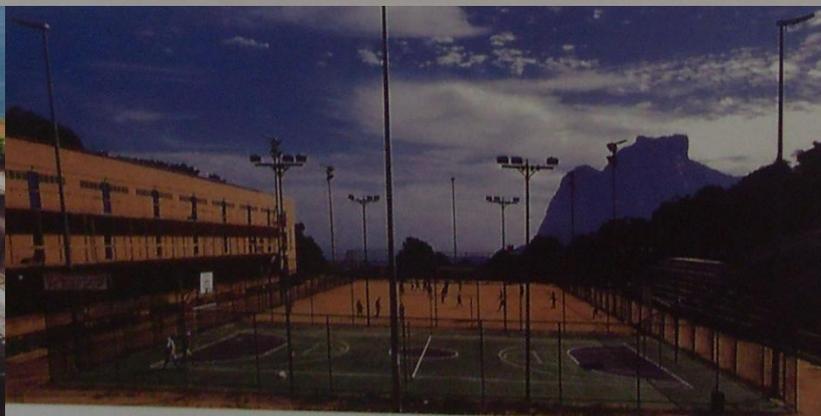
Fig.16 – Plano intervenção Vidigal

- 1 Núcleo da Comlurb
- 2 Ponto dos cabritinhos
- 3 Ponto de encontro
- 4 Área da terceira idade
- 5 Acesso à rua Eugênio Chaves
- 6 Praças comunitárias
- 7 Creche e berçário municipais
- 8 Centro Cultural/ Escola de informática
- 9 Parque ecológico
- 10 Centro profissionalizante
- 11 Alargamento ao longo da avenida João Goulart
- 12 Novo traçado da rua Carlos Duque
- 13 Vila Olímpica
- 14 Implantação e complementação dos serviços públicos de infra-estrutura
- 15 Lavanderia coletiva
- 16 Unidades de relocação
- 17 Novo sistema viário
- 18 Ginásio poliesportivo
- 19 Mirante do Vidigal
- 20 Área de reflorestamento com mureta limítrofe de proteção, configurando limite da comunidade

Fig.14 - Praça



Praça no início da avenida João Goulart com a avenida Niemeyer.



Conjunto da Vila Olímpica, creche e Cemasi

Fig.15



Fig.18 – Passarela av. Niemeyer



Fig.17 – morro Casa Branca



Fig.19 – Morro da Formiga

Fronteiras
materiais

- **As Obras:** a recuperação das favelas absorveu grande número de trabalhadores da própria comunidade. Exigindo aprendizado contínuo e implantação de novas tecnologias com baixo custo.
- **Grandes Favelas:** um desdobramento do Favela-Bairro, criado para atender às ocupações maiores de 2.500 domicílios (ex. Jacarezinho).
- **Bairrinho:** criado para atender as favelas com 100 e 500 domicílios. Tinha o mesmo objetivo geral do programa.
- **Moradia:** programa de reassentamentos com 4 alternativas: 1) a construção de novas moradias, 2) a compra de unidades no mercado da própria comunidade, 3) a compra do imóvel para mudar de bairro, 4) a oferta do lote infra-estruturado acrescido de material de construção.

47/77



Fig.22 – Detalhe da via GE



Fig.20 – Vila Sapê.



Fig.21 - Serrinha



Fig.23 – Plano da favela do Jacarézinho

Fronteiras
materiais

- **Praças:** vida comunitária com a implantação de áreas livres destinadas às práticas esportivas e ao lazer dos jovens.
- **Outras Tipologias:** criação de creches, centros comunitários, quadras poliesportivas, centros comerciais, onde os projetos eram replicados em comunidades diferentes somente quando estritamente necessários.
- **Proteção ambiental:** demarcação de áreas de preservação permanente e reflorestamentos com mata nativa. Criando assim mais um espaço de lazer para as comunidades.



Fig.24 – Praça em Divinéia

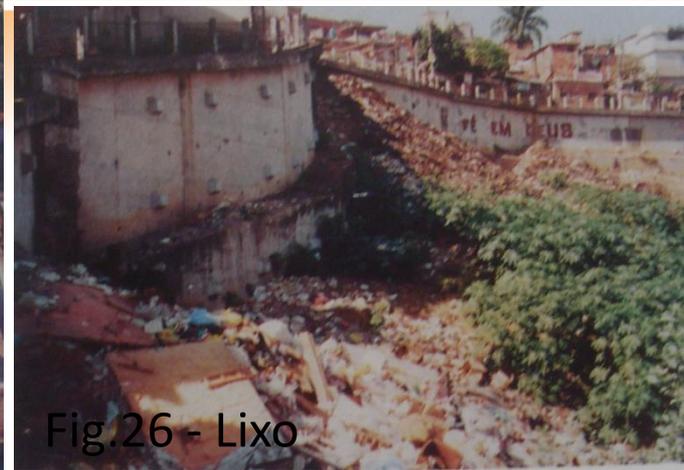


Fig.26 - Lixo

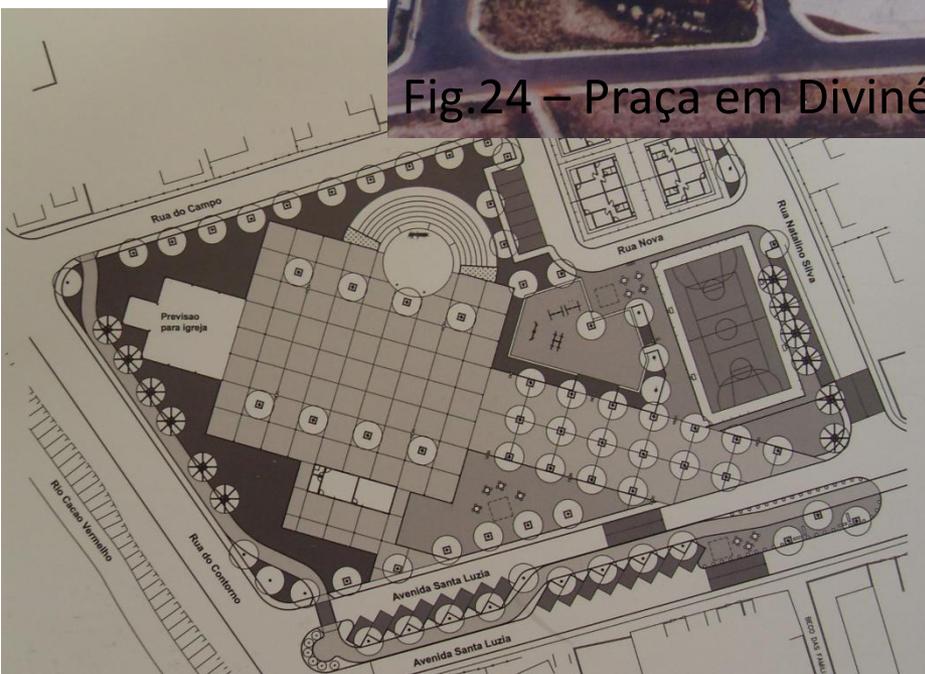


Fig.25 – Proj. Praça em Divinéia



Fig.27 – Conj. Esportivo após intervenção

Fronteiras
simbólicas

- **Políticas sociais:** formação de cooperativas de trabalhadores, cursos de capacitação profissional e de gestão e desenvolvimento de atividades econômicas.
- **Participação comunitária:** o programa foi bem sucedido onde era mais forte a atuação das organizações comunitárias.
- **Realidade fundiária:** regularizar as moradias urbanística e administrativamente.
- **Favela-Mundo:** incentivo de projetos semelhantes em outros países.
- **Esperança e reconhecimento:** dignidade às comunidades.

O bairro do Cajú teve sua superfície bastante ampliada com aterros nas praias de São Cristóvão e do Cajú no início do século XX, contribuindo com o prolongamento da zona portuária e a implantação de complexos industriais. No Cajú estão localizadas as favelas Quinta do Cajú, Ladeira dos Funcionários, Parque São Sebastião, Vila Clemente Ferreira, Nossa Senhora da Penha, Parque Alegria, Parque Arará e Parque Boa Esperança.



Fig.28 – Bairro do Cajú

BAIRRO DO CAJÚ: QUINTA DO CAJÚ

Área bastante densa, com algumas edificações em madeira, tipo chalé remanescentes da ocupação original. A intervenção nesta comunidade foi bastante delicada. Preservou-se o que existia no local e implantou-se um pequeno mas significativo conjunto de mudanças em resposta às necessidades locais.

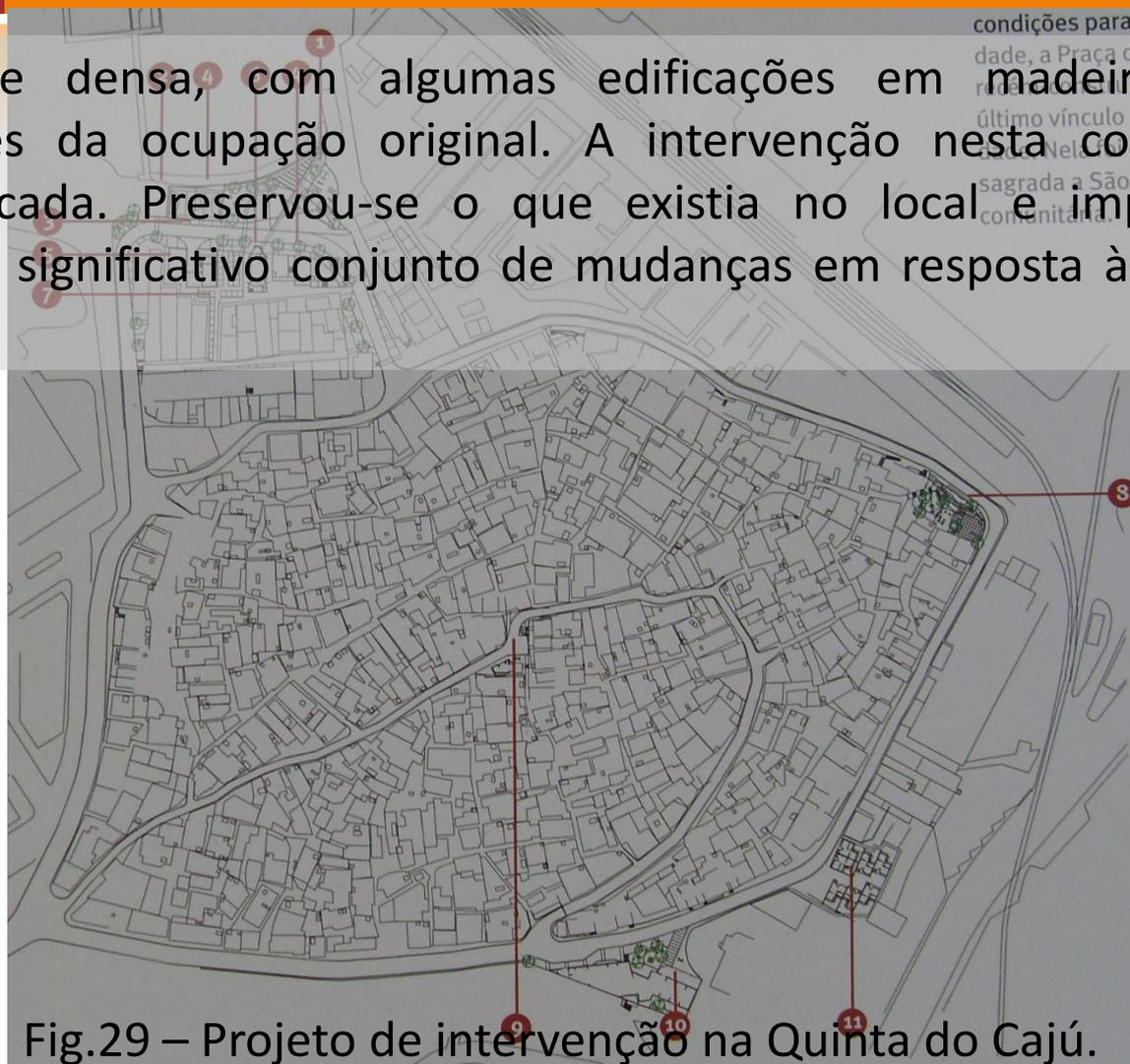


Fig.29 – Projeto de intervenção na Quinta do Cajú.

53/77

para uso tanto dos moradores da favela quanto dos moradores da área formal.

BAIRRO DO CAJÚ: LADEIRA DOS FUNCIONÁRIOS PARQUE SÃO SEBASTIÃO VILA CLEMENTE FERREIRA

A intervenção urbanística definiu um espaço de transição cidade-comunidade para uso dos moradores da favela e dos moradores da área formal.



Fig.30 – Projeto de intervenção nos bairros.

BAIRRO DO CAJÚ: PARQUE BOA ESPERANÇA

A comunidade apresentava sérias dificuldades de acesso, pois embora houvesse uma regularidade formal do traçado interno, a conexão com a malha urbana era precário.



Fig.31 – Projeto de intervenção no Parque Boa Esperança.

BAIRRO DA TIJUCA: SALGUEIRO

A característica projetual mais expressiva foi garantir os acessos para veículos e serviços até os principais espaços já apropriados pelos moradores.



Fig.33 – Projeto intervenção Salgueiro

BAIRRO DA TIJUCA: MORRO DA FORMIGA

O Morro da Formiga é uma das comunidades mais antigas e de acesso mais íngreme. Estruturada a partir de um loteamento formal, que se tornou irregular, tem alto grau de consolidação e grande densidade construtiva. Desprovida de áreas livres capazes de receber os programas sociais.



Fig.34 – Assentamentos irregulares no Morro da Formiga

BAIRRO DA TIJUCA: COMPLEXO DO BOREL

O complexo do Borel é composto por três comunidades, duas delas o Borel e a Casa Branca, implantadas na encosta, e a terceira é a Chácara do Céu, no topo do morro. A ocupação dá ao longo de uma rua íngreme, a estrada da Independência, que parte da área formal da Tijuca e alcança o topo do morro. Foram criados sistemas viários de interligação entre comunidades.

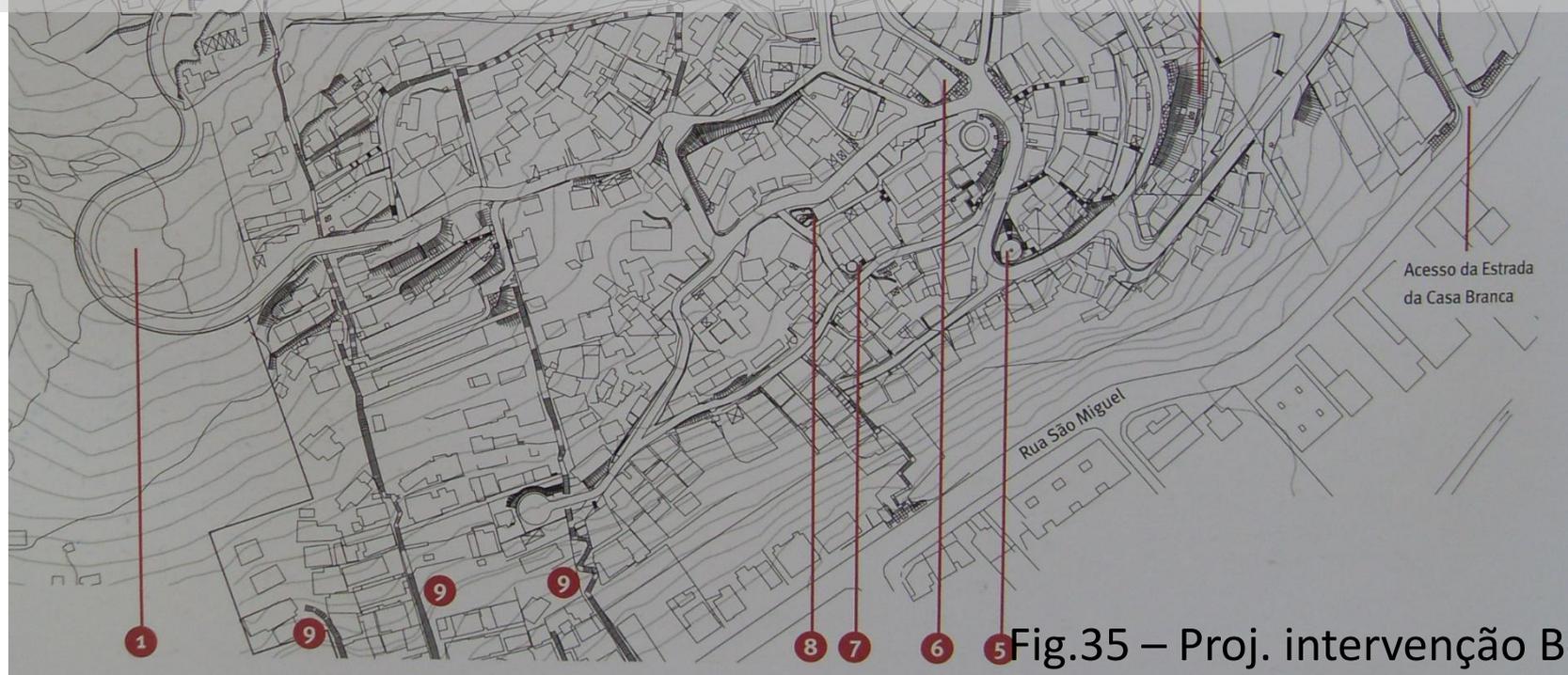


Fig.35 – Proj. intervenção Borel

59/77

BAIRRO DA TIJUCA: COMPLEXO DO BOREL

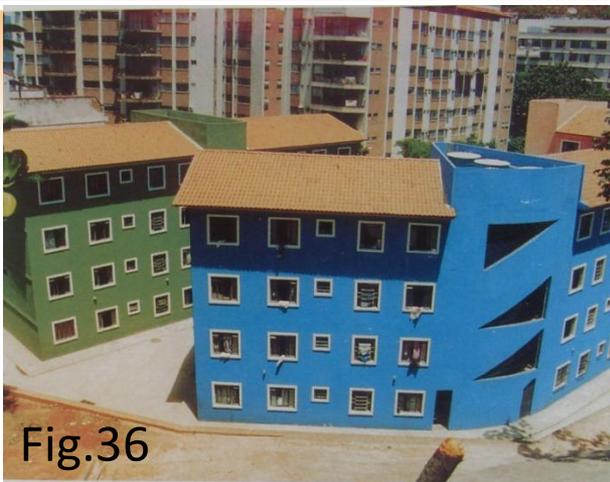


Fig.36



Fig.37



Fig.38 – Vista do Morro do Borel

BAIRRO DA TIJUCA: MORRO DO ANDARAÍ

Constitui um complexo de três comunidades: Andaraí, ao centro, a maior delas que ocupa o talvegue; Arrelia, na encosta oeste; Jamelão, à direita, na encosta leste, onde é a menos desprovida de infra-estrutura. Então criou-se anel viário para ligar as áreas mais altas, foi desocupada a área junto do rio e implantação de infra-estrutura urbana.

O bairro Madureira está localizado em uma importante convergência das linhas ferroviárias que estruturaram os subúrbios da Zona Norte. Todas as favelas em Madureira foram incluídas no programa Favela-Bairro, que estudaremos a seguir.

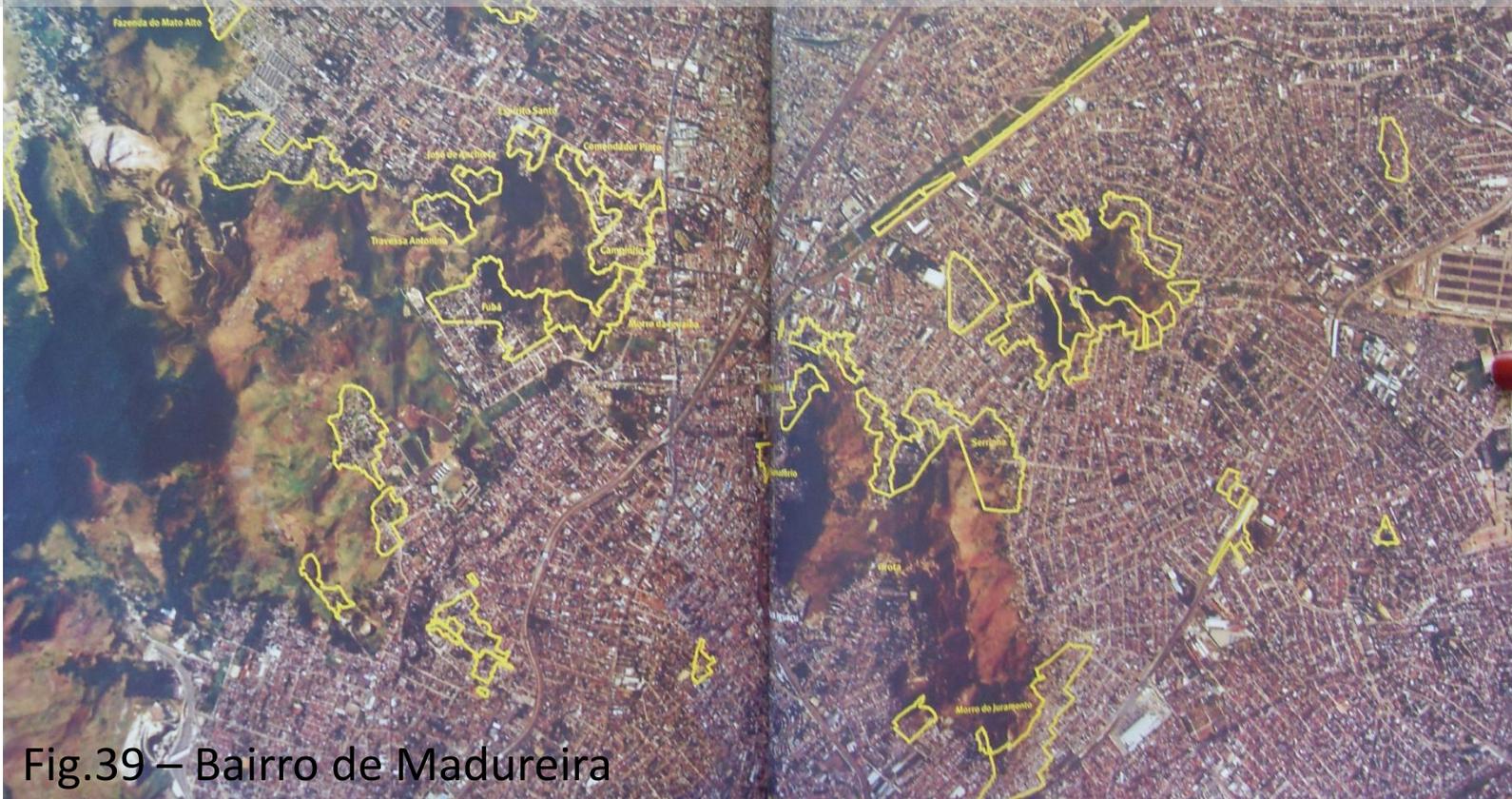


Fig.39 – Bairro de Madureira

BAIRRO DE MADUREIRA: COMPLEXO DO SAPÊ

O Complexo do Sapê é um conjunto de cinco comunidades, localizadas nas encostas do morro do Sapê. As intervenções que ocorreram foram: interligação urbanística entre comunidades e bairros vizinhos, criação de sistema viário de acesso ao interior da comunidade e a criação de uma imagem urbanística que fortaleça a percepção como bairro.

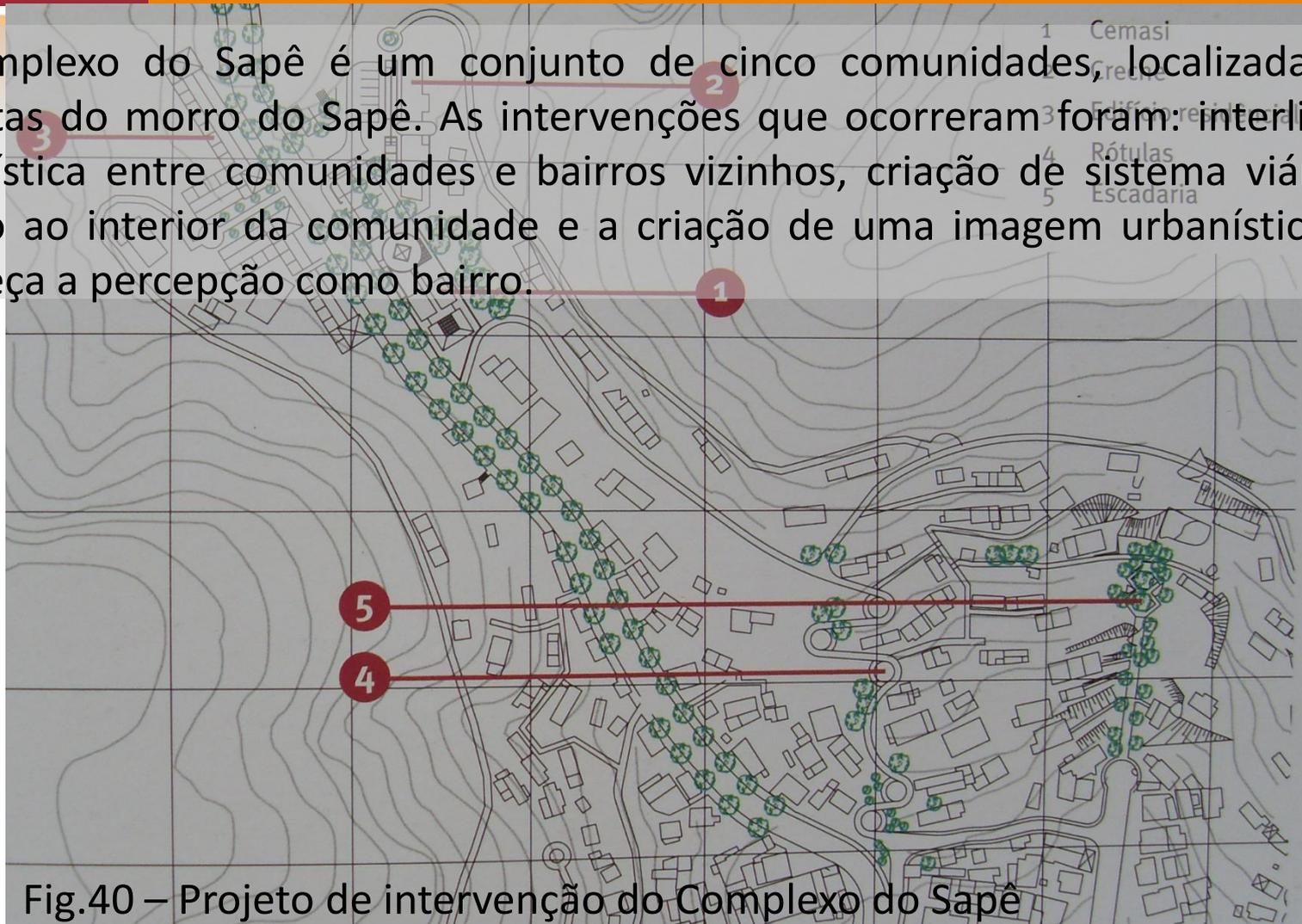


Fig.40 – Projeto de intervenção do Complexo do Sapê

BAIRRO DE MADUREIRA: FUBÁ/CAMPINHO

O principal desafio estava em construir um sistema viário que pudesse alcançar o topo do morro e a partir daí articular a precária rede existente com a área formal na outra vertente.



Fig.41 – Quadra coberta



Fig.42

BAIRRO DE MADUREIRA: SERRINHA

O projeto inicial foi elaborado pelos arquitetos Márcio Roberto e Manuel Ribeiro, apoiado nos espaços e na cultura local. Propuseram a implantação, no alto do morro, dos novos equipamentos desportivos e de lazer. Para acesso ao topo do morro foi construída uma rua a meia encosta, ao final da qual está o ponto de partida de um plano inclinado que leva às encostas mais altas.



Fig.43 – Perspectiva da Serrinha

BAIRRO DE MADUREIRA: SERRINHA



Fig.44 - Diagnóstico

Plano de intervenção



Fig.45 - Intervenção

Partido urbanístico



Fig.46 – Partido urbanístico

BAIRRO DE MADUREIRA: FAZENDA DO MATO ALTO

A existência de uma extensa área de reserva florestal foi um dos principais elementos para o Plano de Intervenção que buscou limitar a expansão física do assentamento e gerar oportunidades de lazer e recreação aos moradores. O escoamento superficial das águas foi respeitado, minimizando os investimentos, e o sistema de abastecimento de água foi ordenado, eliminando-se as ligações clandestinas.

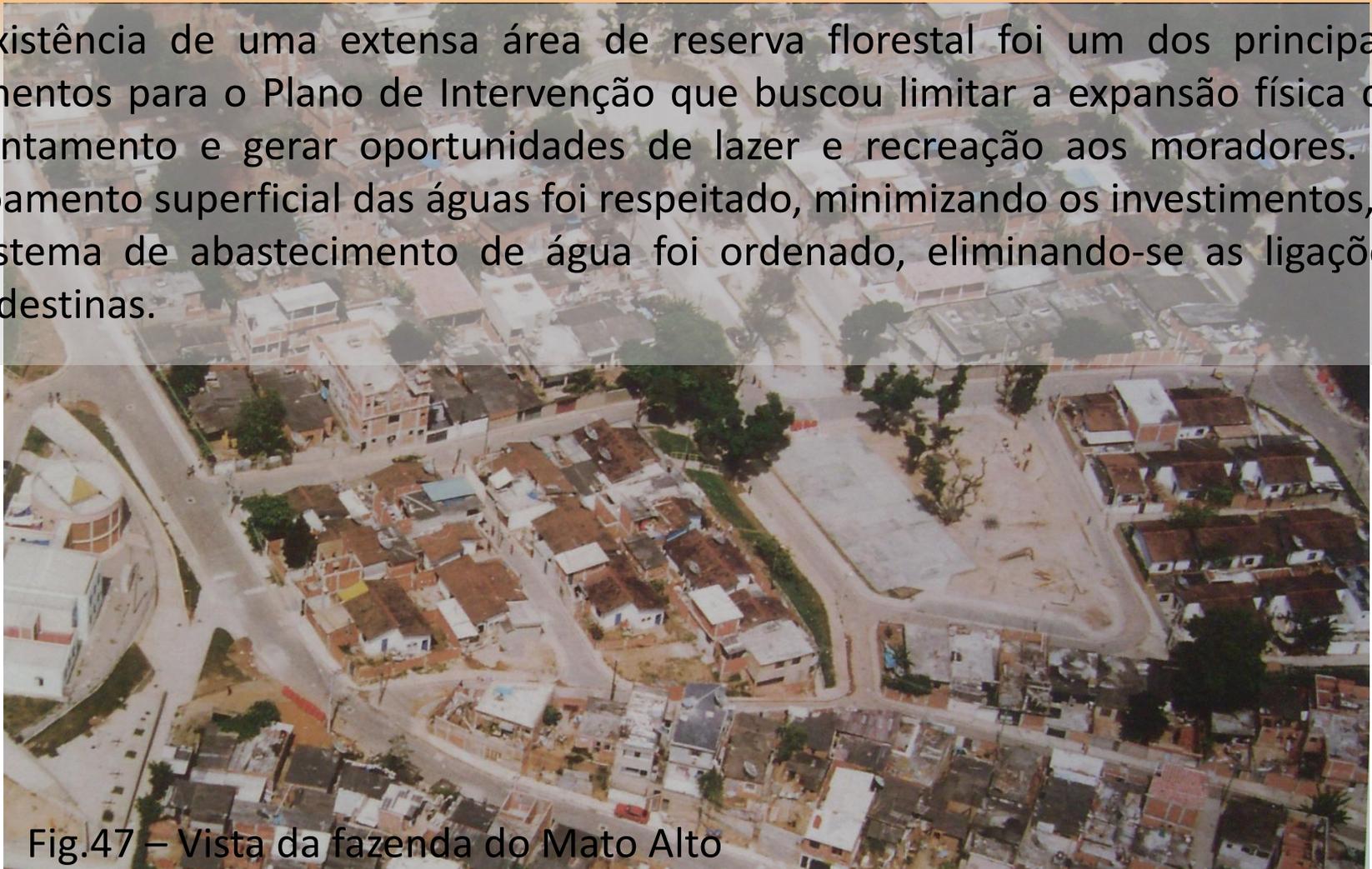


Fig.47 – Vista da fazenda do Mato Alto

67/77

BAIRRO DE MADUREIRA: FAZENDA DO MATO ALTO

- 1) Quadras poliesportivas
- 2) Creches comunitárias
- 3) Praça principal

Fig.49 - Praça



Fig.48 – Projeto intervenção Faz. Mato Alto

Sobre a Cidade – Habitação e Democracia no Rio de Janeiro. Sérgio Magalhães, 2002.

Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.

Figura 02 - Favela-Bairro Parque Royal (1995 – palafitas à beira da baía), pg. 45

Figura 03 - Favela-Bairro Parque Royal (1998 – ciclovia-limite onde eram palafitas, agora com casas financiadas em construção), pg. 45

Figura 04 – Esquema de articulação da malha ferroviária e do metrô, pg. 61

Figura 05 – Favela-Bairro da Mangueira, pg. 66

Figura 06 – Sem infra-estrutura e sem crédito, o pobre é obrigado a produzir seu espaço, pg. 68

Figura 07 – Casa sim, mas, prioritariamente, cidade, pg. 82

Figura 08 –Integracao e interacao: binomio essencial para o futuro das cidades, pg. 84

Figura 09 – Favela da Rocinha. Fonte: Disponível em <http://vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/05.018/3328>. Acesso 09 novembro de 2011.

Figura 10 – A favela da Praia do Pinto, clube do Flamengo e o bairro de Ipanema ao fundo, pág.47. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.*

Figura 11 – Loteamento na Zona Oeste, pág.50. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.*

Figura 12 – Viaduto São Cristóvão, junto à estação da Leopoldina com antes e depois da intervenção, pág.52. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.*

Figura 13 – Expansão baixada de Jacarépagua, a favela do Rio das Pedras, pág.60. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.*

Figura 14 – Praça no início da Avenida João Goulart com a Avenida Niemeyer, pág.80. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.*

Figura 15 – Conjunto da Vila Oplímpia, creche e Cemasi, pág.80. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.*

Figura 16 – Plano de intervenção no Vidigal, projeto P.A.A., pág.80. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.*

Figura 17 – Acesso ao morro da Casa Branca, na Tijuca, pág.85. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.*

Figura 18 – Passarela metálica sobre a avenida Niemeyer, pág.85. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.*

Figura 19 – Escadaria adotada no morro da Formiga, pág.85. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.*

Figura 20 – Vila Sapê, pág.95. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro* por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.

Figura 21 – Casas em obras na Serrinha., pág.86. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro* por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.

Figura 22 – Detalhe da avenida GE, pág.89. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro* por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.

Figura 23 – Plano da favela do Jacarézinho, pág.89. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro* por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.

Figura 24 – Praça da Divinéia, pág.96. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro* por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.

Figura 25 – Planta baixa Praça em Divinéia, projeto Fábrica Arquitetura, pág.96. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.*

Figura 26 – Barreira do Rolo com acúmulo de lixo, na Mangueira, pág.101. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.*

Figura 27 – Conjunto esportivo no local do lixo, na Mangueira, pág.101. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.*

Figura 28 – Bairro do Cajú, pág.114 e 115. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.*

Figura 29 – Projeto de intervenção da Quinta do Cajú, proj. Fábrica Arquitetura, pág.118. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.*

Figura 30 – Projeto de intervenção nos bairros Ladeira do funcionários, parque São Sebastião e Vila Clemente Ferreira, projeto Fábrica Arquitetura, pág.120. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.*

Figura 31 – projeto de intervenção no Parque Boa Esperança, projeto Fábrica Arquitetura, pág.122. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.*

Figura 32 – Bairro da Tijuca, pág.124 e 125. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.*

Figura 33 – Projeto de intervenção em Salgueiro, pág.128. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.*

Figura 34 – Assentamentos irregulares no Morro da Formiga, pág.130. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.*

Figura 35 – Projeto de intervenção no Complexo do Borel, pág.132. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.*

Figura 36 – Conjunto de edificações para reassentamentos no Borel, pág.133. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.*

Figura 37 – Escadaria e canaleta para condução de águas pluviais, pág.133. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.*

Figura 38 – Vista Morro do Borel, pág.133. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.*

Figura 39 – Bairro de Madureira, pág.136 e 137. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.*

Figura 40 – Projeto de intervenção do Complexo do Ipê, pág.141. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.*

Figura 41 – Vista da Quadra coberta em Fubá, pág.142. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.*

Figura 42 – Quadra coberta em Fubá, pág.142. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.*

Figura 43 – Perspectiva da Serrinha, pág.144. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.*

Figura 44 – Mapa de diagnóstico da Serrinha, pág.145. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.*

Figura 45 – Mapa de intervenção da Serrinha, pág.145. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.*

Figura 46 – Mapa de Partido Urbanístico da Serrinha, pág.145. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.*

Figura 47 – Vista da Fazenda do Mato Alto, pág.146. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.*

Figura 48 – Projeto de intervenção na Fazenda Mato Alto, pág.146. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.*

Figura 49 – Praça na Fazenda do Mato Alto, pág.146. Fonte: *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. 1993/2000 uma ação urbanizadora para o Rio de Janeiro por Luiz Paulo Conde e Sérgio Magalhães.*